

## **Tradução**

### **Mohoyen**

### **Tratado do Despertar da Fé do Mahayana<sup>1</sup>**

Tradução de *Joaquim A. B. C. Monteiro*<sup>2</sup>

#### **Uma Apresentação**

O *Tratado do Despertar da Fé do Mahayana* (Dàchéng qìxín Lún) é um dos tratados mais representativos na história do Budismo chinês, tendo influenciado fortemente a tradição do Budismo coreano e do Budismo japonês. Tradicionalmente, sua autoria é atribuída a Asvagosa, tendo ele sido objeto de duas traduções: a de Paramartha (499-569) e a de Siksānanda. No entanto, a moderna crítica histórica e filológica no Japão, na China e no Ocidente colocou seriamente em cheque este relato tradicional. A tendência acadêmica dominante tende a encarar esta obra como um texto elaborado na China a partir de fontes indianas. No que diz respeito ao seu conteúdo teórico, destaca-se sua concepção da *Mente una* ou da *Mente dos seres sensíveis*. Na medida em que essa mente é entendida como sendo ao mesmo tempo um dharma condicionado e incondicionado, contaminado e incontaminado, ela difere de forma contundente não só das concepções da mente no Abhidharma e na escola Yogacāra, como até mesmo da vertente indiana do pensamento do Tathagathagarbha. Este Tratado constituiu-se como uma influência central na exegese budista nas últimas Dinastias chinesas, mas foi seriamente criticado pelos novos estudos da escola Yogacāra na modernidade chinesa, representados por autores como Ou Yang Jianwu (1871-1943) e Lú Cheng (1896-1989).

---

<sup>1</sup> Taishozo vol. 32. T1666. 575a-583b.

<sup>2</sup> Doutor em Filosofia Budista. Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba

## **Mohoyen**

### **Tratado do despertar da fé do Mahayana**

Tomo refúgio na atividade supremamente excelente da sabedoria que a tudo abarca nas dez direções, tendo sua forma livre e sem impedimentos. A Grande Compaixão salvadora do mundo em seu corpo, sua substância e sua característica, a natureza do dharma do Oceano da “Verdadeira Natureza”, o relicário de imensuráveis virtudes são como o verdadeiro cultivo. Aspira ela beneficiar aos seres sensíveis, eliminando suas dúvidas e conduzindo-os ao abandono de seu apego. Como suscita a Fé correta no Mahayana, tem por sua consequência a não eliminação das sementes da condição búdica.

O tratadista afirma: existe um dharma capaz de suscitar as raízes da Fé do Mahayana. Em função disto, ele deve ser elucidado. Essa elucidação possui cinco seções. O que são essas cinco? A primeira é a seção das causas e condições, a segunda é a seção do estabelecimento do sentido, a terceira é a seção da exegese, a quarta é a seção do cultivo da mente da Fé e a quinta é a seção do encorajamento do cultivo e dos benefícios.

Explanamos em primeiro lugar a seção das causas e condições.

Questão: em função de que causas e condições esse Tratado foi escrito?

Resposta: nessas causas e condições, existem oito modalidades. O que são essas oito? A primeira são as causas e condições das características gerais. Ela implica em conduzir os seres sensíveis a se afastarem do sofrimento e a realizarem a suprema alegria. Ela não busca o renome e a veneração mundana. A segunda tem por sua aspiração explicar o sentido fundamental do Tathagatha; em função disto, busca suscitar nos seres sensíveis a compreensão correta e sem equívocos. A terceira busca conduzir à plenitude as raízes benéficas dos seres sensíveis,

capacitando-os a suportar o processo do dharma do Mahayana com a finalidade de realizar a Fé sem retrocesso. A quarta busca o cultivo da mente da Fé em benefício das escassas raízes benéficas dos seres sensíveis. A quinta busca apontar para os meios hábeis que visam extinguir os obstáculos representados pelo carma negativo protegendo e beneficiando esta mente. Em função disto, visa afastá-los da dúvida e da arrogância fazendo-os sair da teia da falsidade. O sexto aponta para o cultivo do Shamatha e do Vipashyana, evitando desta forma o retrocesso para a mente dos ignorantes e dos dois veículos. A sétima aponta para o direcionamento da mente para os meios hábeis com a finalidade de conduzir (os seres sensíveis) diante do Buddha e ao necessário estabelecimento na mente da Fé sem retrocesso. A oitava visa apontar para os benefícios e estimular o cultivo. É em função de causas e condições como estas que foi compilado este Tratado.

Questão: este dharma é plenamente ensinado nos Sutras. Que necessidade existe de enfatizá-lo?

Resposta: mesmo que este dharma exista nos Sutras, devido á atividade das raízes dos seres sensíveis, não é possível acolher esta compreensão em função das diferenças de condições. Em função disto, as raízes dos seres sensíveis durante a presença do Tathagatha no mundo faziam com que a pessoa capacitada para ensinar possuísse um carma excelente na forma e na mente. Sua entonação perfeita que se expressava de forma uníssona possibilitava a compreensão por parte de naturezas distintas. Assim sendo, os Tratados eram desnecessários. No entanto, posteriormente à extinção do Tathagatha, alguns seres sensíveis eram capazes de captar a compreensão através da força própria de uma ampla avaliação dos ensinamentos, alguns seres sensíveis se mostraram capazes de compreender muitos tópicos através da força própria de uma pequena avaliação dos ensinamentos, alguns seres sensíveis sem o poder de sua própria mente

conseguiram realizar a compreensão em função de amplos Tratados. Existiram seres sensíveis para os quais a amplitude dos Tratados tornou-se um obstáculo. Sentiram eles uma grande alegria em suas mentes em poderem compreender muitos sentidos através de textos breves. Assim sendo, este Tratado pretende abarcar o sentido sem fronteiras do amplo, grande e profundo dharma do Tathagatha. É por esta razão que este Tratado precisou ser escrito.

Tendo sido explanada a seção das causas e condições, passemos em seguida à explanação da seção do estabelecimento do sentido.

Caso seja explanado de forma geral, existem duas modalidades do Mahayana. Quais são essas duas? A primeira é o dharma, a segunda é o sentido. O dharma aqui referido é a mente dos seres sensíveis. Essa mente abarca todos os dharmas mundanos e supramundanos em seu interior. É em função desta mente que é explicitado o sentido do Mahayana. Por que razão? Essa mente possui a característica da “Verdadeira Natureza”. Ou seja, em função disto ela aponta para a substância do Mahayana. A característica desta mente quando associada ao surgimento e extinção e às causas e condições é capaz de apontar para a substância, a característica e a função próprias ao Mahayana. O sentido aqui referido possui três modalidades. Quais são essas três? A primeira é a grande substância. Ela significa a “Verdadeira Natureza” que existe igualmente em todos os dharmas, não estando sujeita ao aumento ou à diminuição. A segunda é a grande característica. Ela significa a natureza das imensuráveis virtudes que existem em sua plenitude no Tathagatha. A terceira é a grande função. Ela é capaz de suscitar toda a causalidade benéfica, mundana e supramundana. Como esse é o veículo fundamental de todos os Buddhas, todos os Bodhisatvas embarcam neste dharma até atingirem o solo do Tathagatha.

Como já foi aqui explanada a seção do estabelecimento do sentido, passamos em seguida à explanação da seção da exegese.

Na seção sobre a exegese existem três modalidades. Quais são essas três? A primeira consiste em explicitar o sentido correto, a segunda em lidar com os

falsos apegos e a terceira em discernir o suscitar das características do caminho. No que diz respeito à explicitação do sentido correto, existem duas modalidades de portal baseadas no dharma da mente única. Quais são essas duas? A primeira é o portal da “ Verdadeira Natureza”, a segunda é o portal da mente do surgimento e extinção. Essas duas modalidades de portal abarcam em si a totalidade dos dharmas. Como deve ser compreendido este princípio? As características destes dois portais não podem ser separadas. A mente da “Verdadeira Natureza” é a substância do portal do dharma das grandes características do único mundo do dharma. A natureza desta mente não está sujeita ao surgimento ou à extinção. As distinções entre todos os dharmas existem apenas em função de pensamentos ilusórios. Se nos afastarmos desses pensamentos ilusórios deixam de existir as características que demarcam as fronteiras entre todas as esferas. Em função disso, todos os dharmas surgem dessa base. Separam-se eles das características do discurso, das características dos nomes e das características dos objetos mentais. Esse real é a suprema igualdade, não estando sujeito à mudança ou ao declínio. Apenas esta mente única é chamada de “Verdadeira Natureza”. Como toda expressão verbal e nominal não é verdadeira, ela não pode ser realizada em função dos pensamentos ilusórios. Aquilo a que chamamos de “Verdadeira Natureza” não possui características. Os limites extremos do discurso desfazem o próprio discurso. A substância desta “ Verdadeira Natureza” não pode ser desfeita. Como todos os dharmas são verdadeiros, eles não podem ser postulados. Isso ocorre porque todos os dharmas possuem a mesma natureza. Devemos saber que como todos os dharmas são inefáveis e para além da concepção, eles são chamados de “Verdadeira Natureza.”

Questão: se for de acordo com este princípio, de que forma podem os seres sensíveis adentrar na realização em concordância com ele?

Resposta: se soubermos que todos os dharmas podem ser expressos apesar de estarem para além do não ser e do ser e que podem ser pensados apesar de estarem para além do pensamento, a isso chamamos de concordância. Se nos distanciarmos dos pensamentos, a isso chamamos de entrada na realização.

Ou ainda, a “Verdadeira Natureza” caso expressa em concordância com a expressão verbal pode apresentar duas variantes de sentido. Quais são essas duas? A primeira é como o verdadeiro vazio, na medida em que seu caráter supremo se expressa como verdade. A segunda é a verdade do não vazio. Sua natureza é a substância da plenitude das virtudes incontaminadas. O vazio aqui referido não possui correspondência com os dharmas impuros desde sua origem na base. Ele é distinto do discernimento das características de todos os dharmas. Como não possui pensamentos ilusórios, conduz ao conhecimento da verdadeira natureza de si. Não possui características, nem é sem características, nem sem não características. Não possui em si as características do ser e do não-ser, não possui as características da identidade ou da diferença. Não é desprovido da característica da identidade nem da característica da diferença. Não possui plenamente as características da identidade ou da diferença. Alcança desta forma sua expressão geral. A discriminação surge em todos os seres sensíveis com base em pensamentos ilusórios na medida em que não existe concordância. Como o discurso é o vazio, caso nos afastemos dos pensamentos ilusórios, não existe mais um vazio a ser conhecido. A respeito do não vazio, ele expressa em sua origem a substância do dharma vazio e sem ilusões. Ou seja, é a mente verdadeira, permanente e imutável da plenitude do puro dharma. Assim sendo, é chamada de não vazio. Ou ainda, ela não possui uma característica passível de ser captada. Por estar separada da esfera do pensamento permanece em sua concordância com a característica do “Despertar”. No que diz respeito à mente do surgimento e extinção, é em função do Tathagathagarbha que existe essa mente do surgimento e da extinção. O não nascido e imperecível e o surgimento e extinção existem em harmonia, não sendo idênticos nem distintos. A isso chamamos de

“Consciência integrativa”. Existem duas modalidades de sentido desta consciência, que podem abarcar e fazer surgir a todos os dharmas. Quais são essas duas? A primeira é a modalidade do “Despertar”, a segunda é a modalidade do “Não Despertar”. Aquilo que é chamado de modalidade do “Despertar” é a substância da mente separada do pensamento. A característica separada do pensamento é a esfera do vazio sem propriedades nem fronteiras. A característica única do mundo do dharma é o corpo do dharma da igualdade do Tathagatha. É em função desse corpo do dharma que podemos falar do “Despertar Original”. Por que razão? O sentido do “Despertar Original” é esclarecido em seu contraste com o do “Despertar Inicial”. O “Despertar Inicial” é idêntico ao “Despertar Original”. O sentido do “Despertar Inicial” implica em que pode existir o “Não Despertar” a partir do “Despertar Original”. É em função deste “Não Despertar” que é possível falar do “Despertar Inicial”. Ou ainda, como a fonte da mente do “Despertar” é chamada de “Despertar Supremo”, a fonte da mente do “Não Despertar” não é o “Despertar Supremo”. O que significa este princípio? Conforme aparece no conhecimento e no discernimento de um ignorante, o instante anterior de consciência faz surgir o mal, e é possível o bloquear e impedir seu surgimento no instante posterior, mesmo que isso ainda seja chamado de “Despertar”, constitui-se como o “Não Despertar”. É como o discernimento e a sabedoria dos dois veículos quando suscitam a intenção inicial do Bodhisatva. Como o “Despertar” abandona as características da discriminação e do apego, ele possui características que são tanto diferentes como idênticas. O nome das características assemelha-se ao “Despertar”. Assemelha-se a fatores como o corpo do dharma dos Bodhisatvas. Como o “Despertar” possui tanto características em que a mente habita como outras em que ela não habita, é por separar-se da discriminação dos objetos e de suas características que ele é chamado de concordância com os fatores do “Despertar”. É como a completude do solo de um Bodhisatva, como ele traz em si a plenitude dos meios hábeis em consonância com um único instante de consciência, a mente do “Despertar”, o

instante inicial do surgimento desta mente e sua característica sem início, como se afastam dos pensamentos sutis e grosseiros realizam a visão da natureza da mente. A permanência e a estabilidade da mente são chamadas de “Despertar Supremo”. Em função disto, é ensinado nos Sutas que se um ser sensível puder suscitar a visão do não pensamento, ele se direciona para a sabedoria búdica. Ou ainda, o surgimento da mente não possui uma característica inicial que possa ser conhecida. Ao falarmos do instante inicial da sabedoria, estamos nos referindo ao não-pensamento. Em função disto, não são chamados de “Despertar”. É em função da continuidade originária dos instantes de consciência que ainda não puderam afastar-se do pensamento que podemos ensinar a respeito da ignorância sem início. Se realizarmos o não pensamento, poderemos conhecer as características da mente em seus aspectos do surgimento, da estabilidade, da diferença e da extinção. É em função de fatores como o não pensamento que não existe verdadeiramente uma diferença em relação ao “Despertar Inicial”. É no momento em que essas quatro características se fazem plenamente presentes que todas elas não se estabelecem por si mesmas. Isso acontece porque em sua origem só existe um único e igual “Despertar”.

Ou ainda, a respeito do “Despertar Original” acompanhado pelas impurezas, a discriminação faz surgir duas modalidades de característica que não são separadas deste “Despertar Original”. O que são estas duas? A primeira é a característica da pura sabedoria, a segunda é a inconcebível característica do karma. A característica da pura sabedoria consiste no cultivo dependente do poder do dharma, conforme ocorre no verdadeiro cultivo. Como conduz os meios hábeis á perfeição, ele desfaz as características da pura consciência extinguindo as características da continuidade mental. A manifestação do corpo do dharma é uma expressão da pura e ardente sabedoria. O que significa isto? Como a ignorância é a característica de todas as modalidades da consciência, essa característica da ignorância não é separada da natureza do “Despertar”. Ela não é nem corruptível nem não corruptível. É da mesma forma com que o vento é a



causa do movimento das águas do Grande Oceano, não é possível separar a característica da água da característica do vento, mas a água não possui a característica do movimento. Caso se extinga a natureza do movimento do vento, ela também se extingue.

É como a natureza própria da pura mente dos seres sensíveis. Ela movimenta-se em função do vento da ignorância, a mente e a ignorância não possuem a característica da forma e não podem ser separadas. Quando a mente não está em movimento, se a ignorância se extinguir, extingue-se também a continuidade. Isso se dá porque a natureza da sabedoria não se desfaz. No que diz respeito à natureza inconcebível do karma, é em função da pura sabedoria que se constituem as esferas excelentes e prodigiosas. A característica das virtudes imensuráveis é permanente e não conhece interrupções. Ela está em concordância espontânea com as raízes dos seres sensíveis e em suas diversas modalidades conduz à visão e a realização dos benefícios.

Em seguida, no que diz respeito à característica da substância do “Despertar”, existem quatro modalidades de sentidos, que são como o puro espelho do espaço vazio. O que são essas quatro? A primeira é o verdadeiro espelho do vazio, que se distancia da característica de todas as esferas mentais, na medida em que nenhum dharma pode se manifestar sem ser espelhado pelo sentido do “Despertar”. A segunda é o espelho da verdadeira causa do cultivo. É o verdadeiro não vazio. Todas as esferas mundanas aparecem em seu interior. É a mente una que não sai, não entra, não se perde e não se corrompe. Como ela faz de todos os dharmas a “Verdadeira Natureza”, ela não pode ser poluída pelos dharmas impuros. Isso se dá porque a substância da sabedoria é imóvel e se faz plenamente presente no cultivo incontaminado dos seres sensíveis. A terceira é o dharma que se afasta do espelho. É um dharma não vazio distinto dos obstáculos dos Kleshas e da sabedoria. Ele se afasta da característica da harmonia e constitui-se como uma sabedoria pura e ardente. A quarta são as condições do espelho do cultivo. Como é o afastamento fundamentado no dharma, espelha

universalmente a mente dos seres sensíveis. Ela conduz ao cultivo das raízes benéficas, manifestando-se em concordância com os pensamentos.

A respeito do sentido do " Não Despertar", essa mente surge em função do falso conhecimento da verdadeira natureza do dharma uno. O pensamento da inexistência das características próprias não é distinto do "Despertar Original". Ou ainda, é como uma pessoa iludida que perdeu sua direção. Se ela reencontrar sua direção, desaparece a ilusão. É da mesma forma no que diz respeito aos seres sensíveis que se iludem em relação ao "Despertar". Não existe o "Não Despertar" separado da natureza do "Despertar". É precisamente porque existe a mente iludida do "Não Despertar" que é possível falar do "Verdadeiro Despertar". Caso nos afastemos da mente do "Não Despertar" não se torna possível falar da característica própria do "Verdadeiro Despertar". Ou ainda, surgem em seguida três modalidades de características em função do "Não Despertar" e que não podem ser dele separadas. Quais são essas três? A primeira é a característica kármica da ignorância. É o carma que surge apoiado na atividade da mente do "Não Despertar". Como o "Despertar" é imóvel, no movimento existe o sofrimento na medida em que o fruto não é separado da causa. A segunda é a característica da mente ativa. Ela significa a atividade da visão dos objetos que se apoia no movimento da mente. A imobilidade implica na ausência de visão. As características dos objetos das três esferas fazem surgir os falsos objetos com base na atividade da mente. Não existe um objeto separado da visão na medida em que existem os objetos da visão ilusória. Ou ainda, ela faz surgir seis modalidades de características. A primeira é a característica do discernimento, que faz surgir as mentes do amor e do não amor em função de seus objetos. A segunda é a característica da continuidade. As características da mente que distinguem o sofrimento da alegria se mantêm constantes sem apresentar interrupções. A terceira é a característica do apego. É o apego que surge em função desta mente ininterrupta que distingue o sofrimento e a alegria. A quarta é a característica do apego aos nomes. Ela significa o estabelecimento na característica que se apoia

no apego e na discriminação. A quinta é a característica do surgimento do carma. Apoiada no apego aos nomes, faz surgir as diversas atividades da discriminação. A sexta é a característica do carma associado ao sofrimento. Como se apoia no carma sujeito ao sofrimento, ela bloqueia a realização da emancipação. Assim sendo, devemos saber que todos os dharmas impuros não possuem características. Isso se dá porque todos eles surgem a partir da ignorância. Ou ainda, existem duas características no Despertar e no Não Despertar. A primeira é a característica da identidade, a segunda é a característica da diferença. No que diz respeito à característica da identidade, é da mesma forma com que diversos instrumentos feitos de barro são compostos de um mesmo barro. É da mesma forma com que as atividades ilusórias da ignorância são idênticas à "Verdadeira Natureza". É em função disso que o Buddha ensina que todos os seres sensíveis já adentraram permanentemente no Nirvana desde o início. O "Despertar" não possui a característica do cultivo, não possui a característica do surgimento, sendo supremo e não sujeito à realização. Ela não pode ser captada através da característica da forma. Ao contemplar as características da forma, devemos saber que ela está totalmente associada às atividades ilusórias. Isso não significa conhecer a característica não vazia da forma. Como a característica do discernimento não pode ser captada, existe um amplo acordo a respeito deste ensinamento. No que diz respeito à característica da diferença, é como a não identidade dos diversos instrumentos feitos de barro. Ou ainda, é desta mesma forma no que diz respeito ao incontaminado, à ignorância e às diversas características dos objetos ilusórios. Ou ainda, no que diz respeito as causas e condições do surgimento e da extinção, elas se apoiam nas transformações da consciência dos seres sensíveis. O que significa isto? É por existir o surgimento da ignorância e do "Não Despertar" na pura consciência que surge a característica da continuidade da discriminação da visão, da presença e da captação das esferas. A esse ensinamento, chamamos de consciência. Esta consciência ainda possui cinco nomes distintos. O primeiro deles é o de

consciência kármica. Significa a atividade da mente do “Não Despertar” e do poder da ignorância. A segunda é a consciência transformativa. Significa a atividade mental da captação dos objetos. A terceira é a consciência presente. Ela torna presentes as características dos diversos objetos, sendo como um espelho que reflete as imagens da forma dos seres sensíveis. A consciência presente também é desta forma. Ela é como esses cinco objetos que se fazem presentes. Que não exista o anterior e o posterior é algo que não se deve ao seu poder. A quarta é a consciência discriminativa. Ela implica na distinção entre os dharmas impuros e puros. A quinta se chama consciência da continuidade. Ela está sempre em concordância com a atividade constante da consciência sem sofrer interrupções. É em função dela que não são perdidos os carmas passados, benéficos e maléficos. Não existe diferença aí em relação à maturação das retribuições da alegria e do sofrimento, presentes ou futuras. Ela preserva a memória do que já aconteceu. Em função disso, faz surgir a discriminação. Em função disto, tudo que ocorre nos três mundos tem a mente por sua natureza própria, os seis objetos não existem separados da mente. Todos os dharmas tem a mente por sua soberana e é a partir dela que surgem os pensamentos ilusórios. Toda discriminação é discriminação da própria mente. A mente não pode ver a si mesmo em função da ausência nela de características cognoscíveis. Assim sendo, devemos saber que as características de todos os objetos mundanos estabelecem-se em função dos pensamentos ilusórios derivados da ignorância dos seres sensíveis. É como a imagem de um espelho, que não possui uma característica passível de ser conhecida. Surgem apenas os diversos dharmas em função da atividade ilusória da discriminação. Em função disto, com a extinção da mente, extinguem-se os dharmas. No que diz respeito à consciência, é em função da continuidade da consciência do apego nos ignorantes que surge o “eu” e o “meu”. Os apegos ilusórios aos seis objetos são ainda chamados de consciência cindida. Ou ainda, são chamados de consciência discriminativa dos eventos. Como se fortalece em função da visão do apego, esta consciência surge

a partir da ignorância sem início. Ela não pode ser conhecida através da sabedoria dos ignorantes e dos dois veículos. É no solo da atividade da compreensão que o Bodhisatva começa a estudá-la e contemplá-la. O Bodhisatva do corpo do dharma pode possuir uma pequena fração desta sabedoria. Mas mesmo que alcance o solo supremo, ele não esgota essa sabedoria. Só o Tathagatha a conhece por completo. O que significa isto? É por ser a natureza desta mente pura em sua origem que mesmo que ela seja influenciada pelo poder da ignorância que faz surgir as características da mente impura não existe mudança em sua luminosidade permanente. Ou ainda, é por não possuir essa natureza originária da discriminação que ela não sofre mudanças mesmo que ocorra o surgimento de todos esses objetos. Isso acontece porque ela não está em concordância com o mundo do dharma do "Não Despertar". A ignorância e a discriminação fazem surgir as mentes impuras. Esse sentido é profundo e difícil de ser considerado. Apenas o Buddha é capaz de o conhecer sem nada excluir.

Existem seis distinções nessas impurezas que surgem. A primeira é a impureza em concordância com o apego. Ela é superada pelos Srāvacas, pelos Praticas Buddhas e pelos Bodhisatvas no solo da Fé. A segunda é a impureza em concordância com a não interrupção. É possível um afastamento parcial dela através do poder do cultivo do Bodhisatva do solo da Fé, mas ela só é eliminada eternamente e sem resíduos no solo da pura mente. A terceira é a impureza em concordância com o discernimento discriminativo. É possível supera-la a partir do solo dos preceitos plenos e da sabedoria, mas é realizada sua completa e eterna eliminação ao alcançar o solo da prática informe. A quarta é a impureza que não está em concordância com a forma presente. Ela é eliminada no solo da liberdade da forma. A quinta é a impureza que não está em concordância com a forma presente e da qual é possível nos afastarmos em função da autonomia da forma. Ela é a atividade da visão mental que não está em concordância com a impureza. Ela pode ser afastada com base na terra da autonomia da mente. A sexta é a impureza que não está em concordância com o carma fundamental. Ela pode ser

afastada através da entrada no solo do Tathagatha que se dá em função da exaustão do solo do Bodhisatva e da não compreensão do sentido do único mundo do dharma. A partir do solo em concordância com a Fé produz-se a extinção derivada da contemplação e do estudo. Ela é parcialmente afastada a partir da entrada no solo da pura mente. O supremo afastamento se dá em função da realização do solo do Tathagatha. No que diz respeito ao sentido da concordância, ele se refere às distinções entre os dharmas mentais que se apoiam na discriminação entre o impuro e o puro. Implica no conhecimento das características das condições e da igualdade. No que diz respeito ao sentido da não concordância, a mente não desperta é permanentemente sem diferenças. Isso se dá porque é distinto o conhecimento das características e das características das condições. Ou ainda, no que diz respeito ao sentido da mente impura, ela consiste no obstáculo dos Kleshas. Isso acontece porque elas podem obscurecer a sabedoria fundamental da " Verdadeira Natureza". No que diz respeito ao sentido da ignorância, ele consiste nos obstáculos ao conhecimento na medida em que podem obstaculizar a atividade espontânea da sabedoria mundana. O que significa isto? É em função da visão e da presença da atividade da mente impura que as esferas ilusórias diferem da natureza da identidade. Como todos os dharmas são permanentemente serenos e não possuem a característica do surgimento, a ignorância não pode perceber a ilusão e a diferença entre os dharmas. Ela não pode realizar a concordância com as sabedorias dos diversos objetos mundanos. Ou ainda, é possível distinguir duas modalidades nas características do surgimento e da extinção. Quais são essas duas? A primeira é a grosseira, na medida em que se estabelece em concordância com a mente. A segunda é a sutil, na medida em que não se estabelece em concordância com a mente. Ou ainda, a mais grosseira dentre as grosseiras constitui-se como a esfera dos objetos do ignorante. O sutil no grosseiro e o grosseiro no sutil correspondem à esfera dos objetos do Bodhisatva. O sutil do sutil corresponde à esfera dos objetos de um Buddha. Essas duas modalidades do surgimento e extinção

existem em função dos condicionamentos da ignorância. Esses condicionamentos se apoiam nas causas e condições. Apoiar-se na causa é o sentido do “Não Despertar”. O apoiar-se nas condições significa os objetos concebidos. Caso seja extinta a causa, são extintas as condições. É em função da extinção da causa que se extingue aquilo que não está em concordância com a mente. É em função da extinção das condições que se extingue aquilo que está em concordância com a mente.

Questão: se a mente se extingue, como pode haver continuidade? Caso exista a continuidade, em que sentido é possível falar da “Suprema Extinção”?

Resposta: a extinção refere-se apenas às características da mente e não à sua substância. É como o vento produzindo a característica do movimento em seu contato com a água. Caso se extinga a água, a característica do vento desaparece por falta de apoio. É em função da não extinção da água que ocorre a continuidade das características do vento. É em função da extinção do vento que ocorre a extinção das características do movimento, mas isso não significa a extinção da água. É da mesma forma no que diz respeito à ignorância. Ela entra em movimento apoiada na substância da mente. Caso ocorresse a extinção da substância da mente, os seres sensíveis seriam extintos sem nenhum apoio. É em função da não extinção da substância da mente que se dá a continuidade. É em função da extinção da ignorância que ocorre a extinção das características da mente, mas não a extinção da sabedoria da mente.

Ou ainda, existem quatro modalidades de sentido do cultivo do dharma. Os dharmas impuros e puros não podem ser extintos em seu surgimento. O que são essas quatro? A primeira consiste no puro dharma. Ela é chamada de “Verdadeira Natureza”. A segunda é a causa de todas as impurezas. Ela é chamada de ignorância. A terceira é a falsa consciência. Ela consiste na

consciência kármica. A quarta consiste nos objetos do mundo da ilusão. Consistem eles nos seis objetos. No que diz respeito ao princípio do cultivo, são como uma vestimenta mundana sem perfume. Se uma pessoa se cultivar através deste perfume, ela terá o mesmo odor que este perfume. É da mesma forma com que o puro dharma da “Verdadeira Natureza” não possui nenhuma impureza. No entanto, ele passa a possuir a característica da impureza em função do condicionamento da ignorância. A ignorância e os dharmas impuros não possuem verdadeiramente a pura atividade. No entanto, em função do condicionamento da “Pura Natureza”, passam eles a possuir a pura função. De que forma esse condicionamento faz surgir os dharmas impuros e não eliminados? É em função do dharma da “Pura Natureza” que existe a ignorância. É tendo por sua causa a ignorância e os dharmas impuros que existe o condicionamento da “Pura Natureza”. É em função deste condicionamento que existe a mente iludida. É em função dessa mente iludida que existe o condicionamento da ignorância. É por não compreender o dharma da “Pura Natureza” que a mente do “Não Despertar” faz surgir os objetos da ilusão no presente. É em função dos objetos da ilusão e das condições dos dharmas impuros que existe o condicionamento da mente iludida. Essa mente precisa apegar-se aos diversos carmas construídos. Assim sendo, ela está sujeita a todos os sofrimentos do corpo e da mente. Existem duas modalidades de sentido nesse condicionamento dos objetos ilusórios. Quais são estas duas modalidades? A primeira é a expansão da mente do condicionamento, a segunda é a expansão do apego ao condicionamento. O sentido do condicionamento da mente ilusória possui duas modalidades. O que são estas duas? A primeira é o condicionamento fundamental da consciência kármica, ela pode acolher o sofrimento do surgimento e extinção dos Arahats, dos Pratieca Buddhas e dos Bodhisatvas. A segunda é a expansão do condicionamento da consciência que discrimina os eventos. Ela pode acolher o sofrimento kármico dos ignorantes. Existem duas modalidades de sentido no condicionamento da ignorância. O que são estas



duas? A primeira é o condicionamento fundamental, ela pode realizar o sentido da consciência kármica. A segunda é o condicionamento que faz surgir a visão do desejo, ela pode realizar o sentido da consciência que discrimina os eventos. De que forma os condicionamentos fazem surgir os puros dharmas não eliminados? É por existir o dharma da "Verdadeira Natureza" que se torna possível o condicionamento da ignorância. Isso se deve ao poder das causas e condições do condicionamento. Ou seja, ele conduz a mente iludida a afastar-se do sofrimento do nascimento e da morte e a buscar o Nirvana. Como essa mente iludida busca por essas causas e condições, existe o condicionamento da "Verdadeira Natureza". A fé na natureza própria conhece os movimentos da mente iludida sem possuir um objeto anterior. O cultivo dos dharmas do distanciamento implica na verdadeira sabedoria sem objeto anterior. Os diversos meios hábeis surgem de acordo com a atividade do não apego e da não mente. É em função do poder de um longo condicionamento que ocorre a extinção da ignorância. Em função da extinção da ignorância, não ocorre o surgimento da mente. Em função deste não surgimento, ocorre a extinção dos objetos. É em função da completa extinção das causas e condições que se extinguem as características da mente. A isso chamamos de realização do Nirvana e de concretização da atividade espontânea. No sentido do condicionamento da mente ilusória existem duas modalidades. Quais são estas duas? A primeira é o direcionamento da consciência que discerne os eventos, ela se apoia nos ignorantes e nos praticantes dos dois veículos. É em concordância com o seu poder que eles se afastam do sofrimento do nascimento e da morte, direcionando-se gradualmente para o caminho supremo. A segunda é o condicionamento da intenção. É em função dele que os Bodhisatvas suscitam a mente da coragem, direcionando-se rapidamente para o Nirvana. Existem duas modalidades no sentido do condicionamento da "Verdadeira Natureza". Quais são essas duas? A primeira é o condicionamento da substância e da característica, a segunda é o condicionamento da função. No que diz respeito ao condicionamento da

substância e da característica, os dharmas incontaminados existem desde um passado sem começo, eles trazem em si uma atividade inconcebível. A natureza que constrói os seus objetos desenvolve este condicionamento de forma contínua e permanente através destes dois sentidos. É por possuir este poder que pode conduzir os seres sensíveis a sentirem aversão pelo sofrimento e pela alegria do nascimento e morte e buscarem o Nirvana. É em função da Fé de que possuem em si o dharma da “Verdadeira Natureza” que suscitam a mente do cultivo.

Questão: se for de acordo com este sentido, todos os seres sensíveis possuirão a “Verdadeira Natureza” e o seu condicionamento. Como pode existir aí a Fé? Existindo imensuráveis discriminações anteriores e posteriores, baseiam-se todas elas no conhecimento da existência em si mesmos do dharma da “Verdadeira Natureza”. É em função desse encorajamento derivado de fatores como os meios hábeis que penetram no Nirvana.

Resposta: a “Verdadeira Natureza” é uma em sua base. É em função de uma ignorância imensurável e sem fronteiras que surgem as discriminações e desigualdades a partir de sua origem. Os Kleshas tão numerosos quanto as areias do Ganges fazem surgir as discriminações a partir da ignorância. Kleshas como a visão do *ātman* e o apego à impureza fazem surgir as discriminações com base na ignorância. Todos estes Kleshas surgem a partir da ignorância. As imensuráveis discriminações anteriores e posteriores só podem ser conhecidas pelo Tathagatha. Ou ainda, no dharma do Buddha existem causas e existem condições. A completude das causas e condições conduz à realização. É como a natureza do fogo na madeira que se constitui na causa correta do fogo. Se ninguém souber que esse meio expediente não provisório é capaz de produzir a combustão por si mesmo, isso não poderá ocorrer. É da mesma forma no que diz respeito aos seres sensíveis. Mesmo existindo o poder da causa correta do condicionamento, se não ocorrer o encontro com as condições proporcionadas

pelos Buddhas, Bodhisatvas e amigos espirituais, de que forma poderá ocorrer por si mesma a eliminação dos Kleshas e a entrada no Nirvana? Isto não pode ocorrer mesmo existindo o poder de uma condição externa, se os dharmas puros e interiores ainda não possuírem o poder do condicionamento. Torna-se assim impossível desenvolver a suprema aversão pelo sofrimento e pelas alegrias do nascimento e morte e buscar o Nirvana. Caso estejam completas as causas e condições, existirá o poder deste condicionamento, e como também estarão presentes a compaixão, os Votos e a proteção dos Buddhas e Bodhisatvas, torna-se possível suscitar essa mente da aversão ao sofrimento. Acreditando no cultivo das raízes benéficas do Nirvana, torna-se assim possível cultivar essas raízes benéficas até a sua completitude. Existe aí a alegria do encontro com o ensinamento apontado pelos Buddhas e Bodhisatvas, o avanço e o direcionamento para o caminho do Nirvana.

A respeito da função do condicionamento, ela consiste no poder das condições externas aos seres sensíveis. Existem imensuráveis sentidos nessas condições externas. Caso sejam explanados de forma abreviada, esses sentidos admitem duas modalidades. O que são essas duas? A primeira são as condições da discriminação, a segunda são as condições da igualdade. No que diz respeito às condições da discriminação, o praticante apoia-se nos Buddhas e Bodhisatvas, e suscitando a aspiração inicial, busca o caminho e realiza a condição búdica. Nesse contexto, pode existir a visão ou a atenção que são como os parentes, o pai, a mãe e os demais relacionamentos. Ou pode associar-se aos Kleshas, aos amigos espirituais, a uma família de inimigos, ou ao ato de suscitar os quatro fatores até a atividade de imensuráveis condições. É por suscitar o poder do condicionamento da “Grande Compaixão” que pode conduzir os seres sensíveis até a maturidade de suas raízes benéficas. É em função disso que se realiza o benefício derivado do ver e do ouvir. Existem duas modalidades nessas condições. Quais são essas duas? A primeira é a condição próxima, que conduz rapidamente à realização. A segunda é a condição distante, que conduz à

realização distante. As condições da igualdade implicam em que todos os Buddhas e Bodhisatvas aspiram igualmente pela emancipação dos seres sensíveis. Seu condicionamento espontâneo é contínuo e permanente sem nunca abandoná-los. É em função do poder da mesma substância da sabedoria que eles podem realizar as atividades do ver e do ouvir. Os seres sensíveis, apoiando-se no Samadhi realizam assim a igualdade e a visão de todos os Buddhas. Esse é o condicionamento da substância e da função. Na discriminação, existem ainda duas modalidades. O que são estas duas? A primeira é aquela que ainda não está em concordância. Ela diz respeito aos ignorantes, aos dois veículos e aos Bodhisatvas que despertaram a intenção inicial. Através do condicionamento da intenção e da consciência, ela pode conduzir ao cultivo através do poder da Fé. Como ela ainda não realizou a mente não discriminativa em concordância com sua substância e com sua função, ainda não pode realizar a atividade desimpedida do cultivo e a concordância com a sua função. A segunda é a que está em concordância. Ela diz respeito ao corpo do dharma do Bodhisatva que realizou a mente não discriminativa e a concordância com a sabedoria dos Buddhas. É apenas por se apoiar no poder do dharma do cultivo espontâneo que o condicionamento da “Verdadeira Natureza” pode extinguir a ignorância.

Ou ainda, os dharmas impuros existem como um condicionamento desde, tempo sem início, permanecendo sem se extinguirem. Eles são extintos posteriormente à realização búdica. O condicionamento dos puros dharmas existe no futuro sem se extinguir ou se esgotar. O que significa este sentido? É em função do condicionamento permanente do dharma da “Verdadeira Natureza” que se extingue a mente ilusória e se realiza permanentemente o corpo do dharma. É por suscitar o condicionamento da função que não ocorre a sua extinção.

Ou ainda, no que diz respeito à substância própria e à característica da “Verdadeira Natureza”, não existe crescimento nem diminuição em todos os ignorantes, Srávacas, Pratiêca Buddhas, Bodhisatvas e Buddhas. Eles não surgem

em um instante anterior, nem se extinguem em um momento posterior. São supremos, permanentes e constantes. Sua natureza é plena em suas virtudes desde sua origem. A substância própria possui a grande sabedoria como o sentido da luminosidade. Como ela permeia e ilumina o mundo do dharma, ela consiste no verdadeiro sentido da consciência e da sabedoria. Como ela é o sentido da mente intrinsecamente pura, como implica nos sentidos da permanência, da beatitude, do *âtman* e da pureza, ela é a existência pura e imutável. Ela implica na plenitude do *Buddhadharma* inconcebível, não separado, não extinto e não distinto, da mesma forma que as areias do Ganges. Como sua plenitude não é de pequena magnitude, ela se chama o *Tathagathagarbha*. Ou ainda, se chama o corpo do dharma do *Tathagatha*.

Questão: a " Verdadeira Natureza" acima exposta é uma substância idêntica e distinta de todas as características. Como ainda é possível dizer que essa substância possui diversas virtudes?

Resposta: mesmo que só exista verdadeiramente o sentido das diversas virtudes, não existe discriminação entre suas características. Elas são apenas uma "Verdadeira Natureza" com um único sabor. O que significa este sentido? Como nos afastamos das características da discriminação através da não discriminação, elas não são duais. Ou ainda, através de que sentido é possível falar da discriminação? É através da consciência *kármica* que apontamos para as características do surgimento e da extinção. Como pode ser isso apontado? Em sua origem, todos os dharmas são apenas a mente sem pensamentos. É em função da mente suscitada pelos pensamentos ilusórios e pelo "Não Despertar" que podemos divisar os diversos objetos e falar da ignorância. Isso acontece porque o não suscitar da natureza da mente é o sentido da luminosidade da grande sabedoria. Caso a mente desperte a visão, existe uma característica não vista. Que a natureza da mente seja separada da visão significa a existência de uma

característica não vista. Caso a mente possua movimento, ela não se constitui na verdadeira consciência da sabedoria e não possui natureza própria. Ela não é permanente, não possui beatitude, não é o *âtman* nem a pureza. O calor e a corrupção da mudança implicam em sua não espontaneidade. Ela tem em si o sentido da ilusão e impurezas tão numerosas quanto as águas do Ganges. É em relação a este sentido que o caráter imóvel da natureza da mente evidencia as características de puras virtudes tão numerosas quanto as areias do Ganges. Se ocorrer um surgimento na mente, a visão do *dharma* anterior implica em uma diminuição. Essas virtudes imensuráveis dos puros *dharma*s são a mente una e sem pensamentos. Em função disto, sua plenitude é chamada de relicário do corpo do *dharma* do Tathagatha.

Ou ainda, no que diz respeito á função da “Verdadeira Natureza”, existem os Buddhas e Tathagathas. A base suscita a “Grande Compaixão” a partir de sua causa. Ela cultiva as diversas Paramitas, envolvendo assim aos seres sensíveis. Suscitando os Votos da “Grande Aspiração”, ela esgota os desejos do mundo dos seres sensíveis. Ou ainda, esse esgotamento não é limitado à quantidade de kalpas passados, na medida em que abarca aos seres sensíveis como seu próprio corpo. Ou ainda, ela não se apega às características dos seres sensíveis. Em função de que isto se dá? Isso se dá através do verdadeiro conhecimento de que os seres sensíveis e seu corpo são iguais e sem diferenças na “ Verdadeira Natureza”. É por existirem esses meios hábeis e sabedoria que se torna possível extinguir a ignorância e realizar a visão do corpo do *dharma*. Existe aí a atividade espontânea das diversas modalidades do carma inconcebível. Ela permeia todos os lugares juntamente com a “ Verdadeira Natureza”. Ou ainda, não existe uma característica da função que possa ser captada. Por que razão? Os Buddhas e Tathagathas são apenas o corpo das características da sabedoria do corpo do *dharma*. Na verdade última não existem os objetos da verdade mundana. Caso seja abstraída da atividade da generosidade existe apenas a realização do ver e do ouvir por parte dos seres sensíveis, assim sendo, nos referimos à função.

Existem duas modalidades nesta função. O que são estas duas? A primeira se apoia na consciência que discrimina os eventos. A visão da mente dos ignorantes e dos dois veículos é chamada de corpo da correspondência. É por desconhecer a transmutação presente da consciência que sua visão surge do exterior. Isso se dá porque a captação parcial da forma não pode esgotar a sabedoria. A segunda se apoia na consciência kármica, ela corresponde ao suscitar da intenção inicial do Bodhisatva. A visão associada ao solo supremo dos Bodhisatvas é chamada de corpo da retribuição. Esse corpo possui imensuráveis formas, essas formas possuem imensuráveis características. Essa consciência é marcada por um deleite imensurável. O apoiar-se no fruto possui ainda imensuráveis adornos de diversas modalidades apontando para características sem fronteiras, inesgotáveis e separadas das distinções.

Todas essas virtudes possuem por sua causa os diversos Paramitas, assim como a realização inconcebível destes condicionamentos. É por implicar na completitude de imensuráveis características da beatitude que é chamado de corpo da retribuição. Ou ainda, é em função da visão dos ignorantes que essa forma grosseira pode corresponder às diferentes visões dos seis caminhos. É em função de suas variedades que não receberam a característica da beatitude, que é chamado de corpo da correspondência.

Ou ainda, em seguida, no que diz respeito à visão do Bodhisatva que suscitou a intenção inicial, é em função de sua Fé profunda no dharma da “Verdadeira Natureza” que ele realiza uma visão parcial. Ao conhecer eventos como as características desta forma e de seus adornos, que ele possa afastar-se parcialmente através do não surgir e do não cessar. Apenas o apoiar-se no surgimento da mente não é separado da “Verdadeira Natureza”. No entanto, como este Bodhisatva estende sua discriminação isso se deve ao fato de que ele ainda não adentrou na condição do corpo do dharma. Caso ele venha a realizar a visão da pura mente, realiza a transmutação de sua função sutil e prodigiosa. Ou seja, ele esgota a visão do supremo no solo de Bodhisatva. Caso ele se separe

da consciência kármica, não existe a visão das características. É em função do corpo do dharma dos Buddhas não possuir fronteiras que as características da forma podem ser intercambiadas com a característica da visão.

Questão: se o corpo do dharma dos Buddhas é separado das características da forma, como pode ele apresentar essa característica?

Resposta: como este corpo do dharma tem a forma por sua substância ele pode expressar-se através da própria forma. É como quando dizemos que a forma e a mente não são duais desde sua origem. É em função da equivalência entre a natureza da forma e a sabedoria que a substância da forma é informe. Ela é assim chamada de corpo da sabedoria. É em função da equivalência entre a natureza da sabedoria e a forma que podemos ensinar que o corpo do dharma permeia a todos os lugares. A forma que se expressa não tem limitações. Em função da mente ela pode expressar os universos das dez direções. Imensuráveis Bodhisatvas, imensuráveis corpos da retribuição e inumeráveis adornos possuem cada um deles suas distinções. Como nenhum deles possui determinações, suas características não possuem impedimentos. Isso não pode ser conhecido através da mente discriminatória. Sua função significa a liberdade da “Verdadeira Natureza”.

Em seguida, apontemos para a entrada no portal da “Verdadeira Natureza” que se dá a partir do portal do surgimento e extinção. Isso se expressa através de uma busca pela forma e pela mente nos cinco agregados. O mundo dos seis objetos não possui pensamento. É em função da característica sem forma da mente que se busca pela não realização no final das dez direções. É como uma pessoa iludida que faz do leste a verdade imutável do oeste. É da mesma forma no que diz respeito aos seres sensíveis. É por estarem iludidos pela ignorância que fazem da mente um pensamento verdadeiro e imutável. Se vierem a contemplá-la conhecerão a inexistência de pensamentos na mente. Essa



realização se dará em concordância com a entrada no portal da “ Verdadeira Natureza”. No que diz respeito à superação dos falsos apegos, eles apoiam-se na visão do *âtman*. Se ocorrer o afastamento em relação ao *âtman*, não existirá nenhum falso apego. Nessa visão do *âtman* existem duas modalidades. O que são estas duas? A primeira é a visão do *âtman*, a segunda é a visão dos dharmas. No que diz respeito à visão do *âtman*, caso nos apoiemos nas diversas visões dos ignorantes, existem cinco modalidades. Quais são essas cinco? Na primeira, ouvimos falar nos Sutas que o corpo do dharma do Tathagatha é supremo, sereno e como o espaço vazio. Como se faz do desconhecimento a dissolução do apego, se diz que o espaço vazio é como a natureza do Tathagatha. De que forma é superada essa visão? Ela é superada em função da compreensão de que a característica do espaço vazio é um dharma ilusório cuja substância é irreal. Ela existe em relação com a forma e é a característica visível que conduz à mente do surgimento e extinção. Todos os dharmas da forma são em sua origem uma mente que não possui nenhuma forma externa real. Caso não exista a forma, não existirá também a característica do espaço vazio. Todos os objetos só existem como manifestações da mente iludida. Caso a mente se afaste dos movimentos ilusórios, todos os objetos serão extintos. É apenas a mente una e verdadeira que não permeia a lugar algum. Ela significa o sentido supremo da ampla e grande natureza da sabedoria do Tathagatha. Ela não é como a característica do espaço vazio. A segunda consiste em ouvir que se ensina nos Sutas que os dharmas mundanos são a suprema substância do vazio e que os dharmas do Nirvana e da “ Verdadeira Natureza” são ainda o vazio supremo. O vazio de si é separado de todas as características desde a origem. Como é em função do desconhecimento que se desfaz esse apego, a natureza da “Verdadeira Natureza” e do Nirvana são apenas o vazio. De que forma deve essa visão ser superada? Ela é superada através do conhecimento do caráter não vazio do corpo do dharma da “ Verdadeira Natureza”. Ele possui em sua plenitude a natureza de imensuráveis virtudes. O terceiro implica em ouvir que se ensina nos Sutas que o relicário do

Tathagatha não cresce nem diminui. Sua substância possui plenamente o dharma de todas as virtudes. É em função da não compreensão que se diz que o relicário do Tathagatha possui os dharmas da forma e da mente, assim como as distinções entre suas características. De que forma essa visão é superada? Como ela é ensinada apenas através do sentido da “Verdadeira Natureza”, ensinam-se as diversas distinções através do sentido impuro do surgimento e extinção. O quarto implica em ouvir nos Sutras o ensinamento de que todos os dharmas impuros e mundanos do nascimento e morte existem em função do relicário do Tathagatha. Os dharmas não são separados da “Verdadeira Natureza”. É em função da não compreensão que se diz que a substância própria do relicário do Tathagatha inclui em si todos os dharmas mundanos do nascimento e morte. De que forma é superada esta visão? O relicário do Tathagatha desde sua origem só possui puras virtudes tão numerosas quanto as areias do Ganges. Como ele não é separado da “Verdadeira Natureza”, não é distinto dela e não pode ser extinto, os dharmas impuros e os Kleshas tão numerosos quanto as areias do Ganges são existências ilusórias desde sua origem. Como eles não existem desde tempos sem início em concordância com o relicário do Tathagatha, caso a substância do relicário do Tathagatha possuísse dharmas ilusórios, teria que existir uma continuidade infinita desses fatores. Isso não pode existir. O quinto implica em ouvir que é ensinado nos Sutras que o nascimento e a morte existem em função do relicário do Tathagatha, que realizamos o Nirvana com base nesse relicário. É em função da não compreensão que dizemos que existe um início nos seres sensíveis. Como existe essa visão do início, dizemos ainda que o Tathagatha realizou o Nirvana. E que é em função desse final e desse esgotamento que aparece ainda a atividade dos seres sensíveis. De que forma é superada esta visão? Como o relicário do Tathagatha não possui uma existência anterior, a característica da ignorância também não possui um início. Se dissermos que ainda existe um surgimento dos seres sensíveis exterior aos três mundos, esse é um ensinamento dos Sutras dos caminhos externos. Ou ainda, no relicário do

Tathagatha não existe uma existência posterior. O Nirvana realizado pelos Buddhas e aquilo que existe em concordância com ele não possuem uma existência posterior.

No que diz respeito à visão dos dharmas, é em função das raízes torpes que se fala que o Tathagatha só ensinou a visão do *âtman*. Esse ensinamento não é supremo. É em função da visão do surgimento e extinção dos dharmas dos cinco agregados que se desenvolve o temor pelo nascimento e morte e o apego ilusório ao Nirvana. De que forma é essa visão superada? É em função de ser a natureza própria dos dharmas dos cinco agregados sem surgimento e sem extinção que eles se constituem em sua origem como o Nirvana.

Ou ainda, no que diz respeito ao supremo afastamento dos apegos ilusórios, devemos saber que tanto os dharmas impuros como os puros possuem características. Eles não possuem características próprias passíveis de expressão verbal. Em função disto, desde sua origem, os dharmas não são forma, não são mente, não são sabedoria, não são consciência, não são a existência nem a não existência, em seu sentido supremo suas características são inefáveis. Em função do ensinamento, devemos saber que os meios hábeis benéficos do Tathagatha são um discurso convencional que tem por seu objetivo conduzir os seres sensíveis. Eles apontam para a dimensão para além do pensamento que conduz ao retorno à “Verdadeira Natureza”. É em função disto que o pensar sobre todos os dharmas impede a mente do surgimento e extinção de penetrar na verdadeira sabedoria. No que diz respeito à discriminação do suscitar das características do caminho, implica no caminho do Despertar de todos os Buddhas, na medida em que significa o suscitar da mente, da prática e do direcionamento de todos os Bodhisatvas. Caso seja explicado de forma detalhada, existem três modalidades no suscitar da mente. O que são estas três? A primeira é a Fé que realiza o suscitar da mente, a segunda é a compreensão e a prática do suscitar da mente, a terceira é o Despertar do suscitar da mente. No que diz respeito à Fé que realiza o suscitar da mente, cultiva-se o caminho apoiado em uma pessoa, e com a realização da Fé

torna-se possível suscitar a mente extremamente difícil de ser suscitada. Apoiando-se nos seres sensíveis no estado não assegurado, torna-se possível cultivar o poder das raízes benéficas. A retribuição do fruto do carma da Fé possibilita o suscitar das dez ações benéficas. Desenvolvendo aversão pelo sofrimento do nascimento e morte e aspirando pelo “Supremo Despertar”, realiza o encontro e a aproximação com os Buddhas e os cultua através do cultivo da mente da Fé. Como essa Fé se realiza em dez mil Calpas, os Buddhas e Bodhisatvas ensinam e estimulam o suscitar da mente. Ou então, torna-se possível o próprio suscitar da mente em função da “Grande Compaixão”. Ou ainda, é em função do dharma correto que aspira pela extinção, é através das causas e condições da proteção do dharma que se torna possível suscitar a mente. Que esta realização da Fé conduza ao suscitar da mente, implica na entrada na condição supremamente assegurada e na suprema condição do não retrocesso. A isso chamamos de habitar nas sementes do Tathagatha em concordância com a causa correta. Caso as sementes benéficas de um ser sensível sejam extremamente escassas, seus Kleshas serão profundos e espessos desde tempo imemorial. Mesmo que ele encontre com os Buddhas e os cultue, ele pode vir a suscitar as sementes dos humanos e dos Devas, ou pode ainda suscitar as sementes dos dois veículos. Caso ele busque o Mahayana, suas raízes podem ser não estabelecidas, podendo avançar, retroceder ou cultivar a todos os Buddhas. É possível que a mente seja suscitada através de condições antes mesmo de se completarem dez mil Calpas. Ocorre aqui o suscitar desta mente através da visão das características da forma dos Buddhas. Ou ainda, é possível suscitar esta mente através da Veneração à Sangha. Ou ainda, os praticantes dos dois veículos podem ensinar e estimular o suscitar da mente. Ou ainda, é possível ensinar a outros a respeito do suscitar da mente. Todas essas modalidades do suscitar da mente são não estabelecidas. Ainda são possíveis aí o retrocesso e a queda nos dois veículos em função do encontro com as causas e as condições do mal.

Ou ainda, a respeito da realização do suscitar da mente através da Fé, que mentes podem ser suscitadas? Explicando de forma abreviada, existem três modalidades. Quais são estas três? A primeira é a mente sincera. Ela é assim se chama por contemplar corretamente o dharma da “Verdadeira Natureza”. A segunda é a mente profunda. Ela assim se chama por concentrar todas as ações benéficas. A terceira é a mente da “Grande Compaixão”. Ela assim se chama por aspirar remover o sofrimento de todos os seres sensíveis.

Questão: o mundo do dharma acima ensinado possui uma única característica da substância búdica, sendo de caráter não dual. Por que razão ele não pode se limitar a contemplar a “Verdadeira Natureza”, tendo ainda que buscar o estudo das diversas práticas benéficas?

Resposta: é como a clareza e a pureza da substância da jóia muni enquanto coberta de impurezas. Mesmo que alguém contemple a natureza desta jóia, ela só se torna pura através de diversos meios hábeis. A essência da substância do dharma da “Verdadeira Natureza” dos seres sensíveis é vazia e pura, mas possui inumeráveis Kleshas e impurezas. Mesmo que alguém contemple a “Verdadeira Natureza”, não será possível realizar esta purificação sem passar pelo cultivo dos diversos meios hábeis. Como imensuráveis impurezas permeiam a todos os dharmas, torna-se necessário superá-las através do cultivo das ações benéficas. Se alguém cultiva a todos os dharmas benéficos, realizará espontaneamente o retorno ao dharma da “Verdadeira Natureza”. Explicando detalhadamente, existem quatro modalidades de meios hábeis. O que são estas quatro? A primeira é a prática do meio hábil fundamental. Significa contemplar a natureza não nascida dos dharmas. Afastando-se das visões ilusórias, não habita no nascimento e morte. Discerne que o fruto kármico da confluência das causas e condições de todos os dharmas não é perdido. Através da “Grande Compaixão”, suscita o cultivo de todas as virtudes. Abarcando os seres sensíveis, não habita

no Nirvana. A concordância com a natureza do dharma não possui morada. A segunda é o meio hábil do impedimento. Através do arrependimento e da confissão, ela bloqueia o crescimento dos dharmas maléficos. Isso acontece porque a concordância com a natureza do dharma afasta todas as faltas. A terceira consiste em suscitar as raízes benéficas e em expandir os meios hábeis através do encorajamento à veneração e ao culto às Três Jóias. Através da alegria derivada da veneração aos Buddhas, é em função dessa veneração às três Joias que surge a “mente calorosa”. Através do fortalecimento da Fé torna-se possível a determinação pela busca do caminho supremo. Ou ainda, como é protegida pelas causas advindas do poder do Buddha, do Dharma e da Sangha, torna-se possível extinguir os obstáculos kármicos e fortalecer as raízes benéficas que conduzem ao não retrocesso. Em função da concordância com a natureza do dharma, são afastados os obstáculos derivados da ignorância. A quarta consiste na grande aspiração pela igualdade nos meios hábeis. Em função do suscitar desta aspiração, é extinto o futuro e são conduzidos todos os seres sensíveis sem nenhum remanescente. Devem todos eles realizar o supremo Nirvana sem resíduos. Como a concordância com a natureza do dharma não implica em eliminação ou em extinção, essa grande e ampla natureza do dharma permeia igualmente a todos os seres sensíveis de forma não dual. Como não considera aquela suprema extinção, como o Bodhisatva suscita essa mente, realiza-se aqui a visão parcial do corpo do dharma. Como em função da visão do corpo do dharma surge a concordância com o poder deste voto, torna-se possível realizar oito modalidades de benefício aos seres sensíveis. Desde a descida de Tushita até a entrada no útero, a permanência e a saída do útero, a renúncia ao mundo e a realização do caminho, assim como o girar da roda do dharma e a entrada no Nirvana: nesse intervalo o Bodhisatva ainda não era chamado de corpo do dharma. O carma contaminado de imensuráveis existências passadas ainda não pode ser eliminado. É em concordância com o seu surgimento e com o sofrimento que ainda existe aquilo que está preso ao carma. Existe aí a liberdade do poder

do grande voto. É como nos Sutas em que ainda se ensina que existe a queda nos caminhos do mal: isso não implica em uma queda verdadeira. No entanto, para o Bodhisatva iniciante que ainda não penetrou na condição correta, a negligência e o temor podem exigir o emprego da coragem. Ou ainda, posteriormente ao momento em que o Bodhisatva suscitou a mente inicial, torna-se possível o afastamento das fraquezas. Na condição suprema não existe temor na queda nos dois veículos. Ainda que o aspirante ouça que a realização do Nirvana exige que se suporte a dor e que se pratique com dificuldade durante Asankheia Calpas imensuráveis e sem fronteiras, ainda assim não existirão o temor e a fraqueza. Através do conhecimento na Fé de que como todos os dharmas possuem a natureza do Nirvana desde sua origem, a atividade da compreensão e do suscitar da mente implicam na transmutação superior. Como este Bodhisatva deseja conduzir-se à plenitude desde o primeiro Asankheia a partir de sua Fé correta e inicial, a compreensão profunda surge em meio à Verdadeira Natureza através do cultivo separado da forma. Como ele sabe que a substância da natureza do dharma não possui a rigidez da cobiça, sabe ele através da concordância com o cultivo dos paramitas que a natureza do dharma é incontaminada e que ela é separada das faltas dos cinco desejos. Em concordância com o cultivo dos paramitas ele sabe que a natureza do dharma não possui sofrimento, estando separada do Klesha do ódio. Em concordância com o cultivo da paramita do esforço, ele sabe que a natureza do dharma está separada da negligência no corpo e na mente. Em concordância com o cultivo da paramita da coragem, sabe ele que a substância da natureza do dharma é permanentemente estável e sem perturbações. Em concordância com o cultivo da paramita da absorção meditativa, sabe ele que a substância da natureza do dharma é a luz separada da ignorância. Em concordância com a prática da paramita da sabedoria, aquele que suscita a mente do “Despertar” sabe qual é a realidade que se estende desde o solo da mente pura até o solo supremo do Bodhisatva: ela se chama a “Verdadeira Natureza”. Essa realidade consiste na transmutação da

consciência, mas esse Despertar não possui um local. Apenas o nome da sabedoria da “Verdadeira Natureza” consiste no corpo do dharma. Em função disto, o Bodhisatva pode alcançar os mundos das dez direções sem nenhuma exceção no instante do suscitar de um pensamento. O culto aos Buddhas que solicita que eles girem a Roda do dharma tem por sua única finalidade abrir o caminho para os seres sensíveis e os conduzir, ele não se apoia no sentido formal das letras. Ou ainda, ao transcender o solo conduz à rápida realização do “Correto Despertar”. Em benefício dos seres sensíveis possuídos pelo temor e pela fraqueza, ele ainda ensina que deverá realizar o caminho de Buddha através de imensuráveis Asankheia Calpas. Em benefício dos seres sensíveis possuídos pela negligência e pela arrogância, ele pode apontar para que esses incontáveis meios hábeis sejam inconcebíveis. Como na verdade é igual à natureza das raízes do Bodhisatva, são também iguais o suscitar da mente e a realização. Não existe um dharma que possa ser ultrapassado. Como todos os Bodhisatvas atravessam três Asankheia Calpas, eles diferem apenas em função do mundo dos seres sensíveis. Como difere a natureza da aspiração das raízes daquilo que é visto ou ouvido, também existem diferenças naquilo que é praticado. Ou ainda, no que se refere às características do suscitar da mente do Bodhisatva, existem três modalidades de mente que possuem características grosseiras e sutis. O que são essas três? A primeira é a mente verdadeira em função da ausência de discriminação. A segunda é a mente dos meios hábeis, que assim se chama por beneficiar os seres sensíveis de forma espontânea e universal. A terceira é a mente da consciência kármica, sendo que seus aspectos grosseiros e sutis surgem e desaparecem. Ou ainda, existe a plenitude das virtudes do Bodhisatva. Através do supremo lugar da forma, aponta para o corpo mais elevado dentre todas as existências mundanas. Como é um instante de consciência marcado pela sabedoria, extingue instantaneamente a ignorância. É chamado de totalidade das modalidades de sabedoria. Em sua espontaneidade possui um carma



inconcebível, podendo aparecer nas dez direções em benefício dos seres sensíveis.

Questão: como o espaço vazio é sem fronteiras, o mundo também é sem fronteiras. Como o mundo é sem fronteiras, os seres sensíveis são sem fronteiras. Como os seres sensíveis são sem fronteiras, as distinções entre as atividades mentais também são sem fronteiras. Esses mundos não separáveis são de difícil compreensão e entendimento. Caso seja extinta a ignorância não existirão percepções mentais. Como é possível compreender as diversas modalidades de sabedoria?

Resposta: em sua origem, todos os mundos são uma única mente separada do pensamento. É em função do mundo criado pelas visões ilusórias dos seres sensíveis que existem as distinções. Como os pensamentos suscitados pela ilusão não podem ser chamados de natureza do dharma, não se torna possível o estabelecimento da compreensão. Os Buddhas e Tathagathas, por terem se distanciado das produções do pensamento permeiam a todos locais. Como se trata da mente real e verdadeira, a natureza de todos os dharmas reflete em si todos os dharmas ilusórios. Como acontece da grande sabedoria empregar imensuráveis meios hábeis, eles suscitam a compreensão em concordância com os seres sensíveis. Todos eles podem abrir e indicar diversas modalidades de sentido do dharma. Em função disto, são realizadas as diversas modalidades da sabedoria.

Ou ainda pergunta: se os Buddhas possuem um karma espontâneo e podem expressar os diversos benefícios aos seres sensíveis, ao verem seu corpo ou suas transformações não podem deixar estes de ser beneficiados ao ouvir os seus ensinamentos. Por que razão tantos seres sensíveis não podem vê-lo?

Resposta: o corpo do dharma dos Buddhas e Tathagathas permeia igualmente a todos os lugares. Como nele não existe intenção, nos referimos à sua

espontaneidade. No entanto, em dependência da mente dos seres sensíveis, ela pode refleti-lo ou impedir sua percepção em função do obstáculo surgido de uma imagem impura. Essa mente dos seres sensíveis possui impurezas. Como ela não torna presente o corpo do dharma, isso já foi explanado na exegese.

Explanamos em seguida a seção concernente ao cultivo da mente da Fé.

Neste contexto, nos referimos ao cultivo da mente da Fé em função dos seres sensíveis que ainda não adentraram na condição corretamente assegurada. Como deve ser cultivada esta mente da Fé? Caso seja explanada detalhadamente, existem quatro modalidades nessa mente da Fé. O que são estas quatro? A primeira é a Fé no fundamento. Ela diz respeito ao pensamento do deleite no dharma da "Verdadeira Natureza". A segunda consiste em crer na existência das inumeráveis virtudes do Buddha. Implica em nelas refletir, a elas se aproximar, em expressar respeito e veneração por elas. Suscitando as raízes benéficas, busca e aspira pela totalidade das sabedorias. A terceira implica na convicção de que existe um grande benefício no dharma e na reflexão constante no cultivo dos paramitas. A quarta é a convicção de que a Sangha pode praticar o cultivo correto conduzindo ao benefício próprio e ao benefício ao outro. Consiste em sentir uma alegria profunda com a proximidade dos Bodhisatvas em buscar o estudo e em realizar a prática. No cultivo, existem cinco portais que podem concretizar esta Fé. O que são estes cinco? O primeiro é o portal da generosidade, o segundo é o portal dos preceitos, o terceiro é o portal da paciência, o quarto é o portal do esforço, o quinto é o portal do Shamatha e do Vipashyana.

De que forma cultivamos o portal da generosidade? Caso nos seja dado encontrar necessitados em busca de ajuda, devemos ajudá-los de acordo com nossas posses. O abandono da avareza produz alegria. Caso encontremos pessoas em situações de temor ou de risco, devemos ajudá-las através do destemor. Caso existam seres sensíveis em busca do dharma, devemos ensiná-los através dos meios hábeis e em concordância com nossas capacidades. Não

devemos agir em função da cobiça ou buscar a reputação mundana. Devemos pensar apenas no benefício próprio e no benefício ao outro, transferindo os méritos para a realização do Despertar. De que forma cultivamos o portal dos preceitos? Eles consistem em não matar, não roubar, não cometer atos impuros, não empregar linguagem dúbia, não caluniar, não proferir palavras ilusórias e em não bajular. Implica em afastar-se da cobiça, da inveja, da falsidade, da bajulação, do ódio e dos falsos pontos de vista. Para que o renunciante consiga subjugar os Kleshas, ele deve distanciar-se da dispersão mental estabelecendo-se permanentemente na serenidade e cultivando o contentamento. Como a mente das pequenas faltas faz surgir o temor, o arrependimento e a confissão não realizam de forma leviana as interdições presentes nos preceitos do Tathagatha. A manutenção nesta aversão não deve conduzir ao surgimento da ilusão e às faltas perpetradas pelos seres sensíveis. O que é o cultivo do portal da paciência? Ele significa suportar as perturbações mentais e suas consequências negativas procedentes dos outros. Ela implica também em suportar a dor e a alegria derivadas dos dharmas. O que significa cultivar o portal do esforço? Implica em não ser displicente e em não permitir o retrocesso dos fatores mentais e em desenvolver uma vontade forte e inquebrantável no sentido de afastar-se da fraqueza. Implica em suscitar uma mente que receba todo o grande sofrimento do corpo e da mente como algo sem qualquer benefício desde o passado até o futuro longínquo. É através disso que o estímulo ao exercício das virtudes conduz ao benefício próprio e ao benefício ao outro, superando rapidamente a dor dos seres sensíveis.

Ou ainda, mesmo que um praticante cultive a mente da Fé, como ele possui pesadas faltas e impedimentos kármicos desde muitas existências passadas, ele pode ser perturbado pelos demônios da falsidade e pelos espíritos. Ou ainda, pode ser perturbado pelos deveres mundanos. Ou pode ainda sofrer em função de uma enfermidade. Como os seres sensíveis estão sujeitos a muitos obstáculos, tornam-se necessárias a coragem e o esforço. Assim sendo, devem

reverenciar aos Buddhas seis vezes de manhã à noite com uma mente sincera de arrependimento e alegria fazendo a transferência dos méritos daí decorridos para a realização do "Despertar". Devem evitar a todos os obstáculos e fortalecer as raízes benéficas de forma constante e sem nenhum repouso. De que forma devem ser cultivados os portais do Shamatha e do Vipashyana? No que diz respeito ao Shamatha, ele implica em bloquear as características de todas as esferas. É em função da concordância com o Shamatha que surge o sentido da contemplação. A contemplação aqui referida significa a discriminação das causas e condições do surgimento e extinção das características. O sentido da contemplação está em concordância com o Vipashyana. O que é esta concordância? É através do cultivo gradual destes dois sentidos que eles se manifestam sem se separarem. Caso seja cultivado o Shamatha, devemos sentar em um local tranquilo e com uma intenção correta. Sem apoiar-se na energia da respiração ou na forma, no espaço vazio ou nos quatro elementos da terra, da água, do fogo ou do ar. Também não deve apoiar-se na sabedoria derivada do ver ou do ouvir. Devem ser excluídas todas as sensações, assim como todos os pensamentos delas derivados. As demais percepções também devem ser excluídas. Como os dharmas não possuem características desde sua origem, eles não surgem e não se extinguem em cada instante de consciência. Ou ainda, se não for possível impedir que a mente se perca em função das esferas dos objetos externos, é possível excluir a mente através da própria mente. Caso a mente venha a se dispersar, ela deve ser conduzida de volta ao pensamento correto. O pensamento correto significa que devemos saber que existe apenas a mente e não existem os objetos externos. Ou ainda, que esta mente não possui características próprias, sendo incognoscíveis os instantes de consciência. Caso ocorra uma obstrução da prática da generosidade ao levantar-se do assento, devemos manter a mente constantemente voltada para os meios hábeis e em concordância com a contemplação. Essa mente deve permanecer longamente no ardor constantemente cultivado. É em função desta estabilidade da mente que surge

gradualmente o benefício da bravura. A realização do Samadhi se dá em concordância com a penetração na “Verdadeira Natureza”. Caso a profunda subjugação dos Kleshas se fortaleça, alcança-se rapidamente a condição sem retrocesso. É apenas através da eliminação da dúvida cética que se dá a entrada. Aqueles possuídos pela ausência de Fé, pelos pesados obstáculos kármicos, pela arrogância do *âtman* e pela negligência não realizam a penetração. Ou ainda, é em função deste Samadhi que se torna possível o conhecimento da característica única do mundo do *dharma*. Significa que o corpo do *dharma* dos Buddhas e o corpo dos seres sensíveis são iguais e não duais. Ou seja, ele é chamado de Samadhi da atividade única. O conhecimento da “Verdadeira Natureza” deve ser considerado como o fundamento do Samadhi. Se alguém o praticar, fará surgir gradualmente o Samadhi imensurável. Ou ainda, se um ser sensível não possuir o poder das raízes benéficas, ele poderá sofrer perturbações por parte dos demônios dos caminhos externos e dos espíritos. Se enquanto estiver sentado ele for possuído pelo temor, se for perturbado por belas formas femininas e masculinas, deve refletir que existem apenas as esferas dos objetos da mente e que elas podem ser extintas sem causar perturbação. Ou ainda, se aparecerem imagens de Devas ou de Bodhisatvas, expressam elas ainda as características perfeitas e aprazíveis da completitude do Tathagatha. Ou ainda, se for ensinado um Dharani, ele ensinará a respeito da generosidade, dos preceitos, da paciência, do esforço, da absorção meditativa e da sabedoria. Ou ainda ensina a respeito da igualdade, do vazio, da ausência de características, da ausência de paixão, da ausência de temor, da ausência de parentes e da ausência de causa e de fruto no supremo e sereno vazio que é o verdadeiro Nirvana. Ou ainda, fará com que as pessoas conheçam os eventos de suas existências passadas. Ou ainda, as fará conhecer os eventos futuros. Realizarão assim a sabedoria que conhece a mente de outrem sem quaisquer impedimentos. Poderá então conduzir os seres sensíveis cobiçosos do prestígio mundano. Ou ainda, poderá conduzir aqueles que se apegam ao ódio em direção à alegria através do conhecimento da

impermanência. Ou ainda, poderá curar a mente negligente através do exercício frequente da compaixão. Poderá repousar então em decorrência deste esforço. Em função da ausência de Fé surgem muitas dúvidas e pensamentos. Ou ainda, poderá renunciar à base da atividade excelente através do cultivo de atividades mescladas. Caso se apegue aos eventos mundanos, existirão diversos expedientes para lidar com isso. Ou ainda, poderá conduzir as pessoas a uma realização parcial e aparente do Samadhi. Todas essas são realizações pertencentes aos caminhos externos, não se constituindo no verdadeiro Samadhi. Ou poderá ainda conduzir os praticantes a uma permanência no Samadhi por um dia, dois dias, três dias ou até sete dias. Poderá vivenciar espontaneamente os perfumes e consumir bebidas e alimentos. O corpo e a mente sentirão prazer, sem fome ou sede. Caso a pessoa se apegue, sua alimentação a conduzirá em grau maior ou menor a mudanças na cor de sua face. É em função deste sentido que o praticante deve aplicar-se constantemente à contemplação da sabedoria. Ele não deve permitir que sua mente se extravie em uma rede perversa. Deve esforçar-se no pensamento correto sem prender-se ao apego. Ou seja, é por poder distanciar-se desses impedimentos kármicos que ele deve conhecer o Samadhi dos caminhos externos. Nenhum desses Samadhis se afasta da visão do apego e da mente da arrogância do *âtman*. Isso ocorre porque ele está apegado à reputação e ao renome mundano. O Samadhi da “Verdadeira Natureza” penetra e realiza as sementes do Tathagatha e não possui morada. É em função do cultivo das absorções e dos Samadhis mundanos que surge o sabor do apego, e é em função da visão do *âtman* que somos acorrentados aos três mundos. É em função dos caminhos externos que nos afastamos da proteção dos amigos espirituais e fazemos surgir essas visões externas.

Ou em seguida, ao nos esforçarmos por cultivar e aprender esse Samadhi com a mente direcionada que se torna possível a realização de dez benefícios na existência presente. O que são esses dez? O primeiro deles consiste em ser constantemente protegido pelos Buddhas e Bodhisatvas das dez direções, o

segundo é não sofrer ansiedade ou temor em função dos demônios e maus espíritos, o terceiro é não ser confundido pelos demônios das noventa e cinco modalidades dos caminhos externos, o quarto é afastar-se dos obstáculos kármicos derivados da violação do dharma, o quinto consiste em extinguir toda hesitação advinda de visões perversas, o sexto consiste em expandir e realizar a Fé nos domínios búdicos, o sétimo consiste na libertação do remorso e na capacidade de confrontar com coragem o nascimento e a morte, o oitavo consiste em uma harmonia da mente que conduz ao abandono da arrogância e à renúncia de praticar mal aos outros, o nono consiste em reduzir os danos provocados pelas paixões e em não alegrar-se com a existência mundana mesmo sem reduzir o Samadhi em todos os instantes e em todas as esferas e o décimo consiste em não ser movido pelas condições externas e pelos ruídos através da realização do Samadhi.

Em seguida, se um praticante se dedicar apenas ao Shamata, sua mente afundará na negligência. Por não proporcionar alegria aos seres sensíveis ela se afastará da " Grande Compaixão". Em função disso, ela deve cultivar o Vipashyana. O cultivo do Vipashyana consiste em contemplar todos os dharmas mundanos e condicionados. São eles não realizados e tendo parado longamente a atividade de todos os instantes de consciência surgem e se extinguem a cada instante. E função disso, se constituem no sofrimento. Deve contemplar subitamente os dharmas dos instantes de consciência passados como se fossem um sonho, deve contemplar os dharmas dos instantes de consciência presentes como se fossem relâmpagos de luz e deve contemplar os instantes de consciência dos dharmas futuros como nuvens de água em seu surgimento. Deve contemplar que toda existência mundana e corpórea é impura e que essas diversas impurezas são incapazes de proporcionar alegria. Deve ele assim contemplar. Todos os seres sensíveis desde um passado sem início estão submetidos ao condicionamento da ignorância e sujeitos ao surgimento e extinção da mente, recebendo assim um grande sofrimento em seus corpos e mentes. Estão submetidos no presente a

imensuráveis formas de opressão, e o sofrimento futuro também não conhece limites. Sendo difícil de ser abandonado e afastado, ele não consegue tomar consciência disto. Os seres sensíveis devem assim ser objetos de compaixão e refletir da seguinte forma: devem ter a coragem de suscitar um grande voto e aspirar que suas mentes se afastem da discriminação. Devem eles praticar universalmente todas as virtudes benéficas em direção ao futuro através das dez direções, salvando a todos os seres sensíveis sujeitos ao sofrimento em função de imensuráveis meios hábeis. Devem conduzi-los à suprema alegria do Nirvana. Em função do suscitar deste voto, devem desenvolver o bem em todos os momentos e em todos os lugares sem abandonar a mente do cultivo e sem cair na negligência. Com exceção dos momentos em que estiverem sentados (em meditação) devem manter suas mentes direcionadas para a estabilidade mental. Excluindo a tudo o mais, devem contemplar o que deve e o que não deve ser feito. Estejam em movimento ou parados, deitados ou em pé, devem sempre praticar conjuntamente com o Vipashyana. Em função disto, mesmo que contemplem a natureza própria e não nascida dos dharmas, devem eles ainda contemplar a conjunção de causas e condições do karma benéfico e maléfico, devendo ainda contemplar a natureza incognoscível. Caso pratique o Shamatha, deve lidar com o apego dos ignorantes em relação à existência mundana. Deve ele abandonar a visão fraca e vacilante dos dois veículos. Caso pratique o Vipashyana, deve aprender a lidar com a mente inferior dos dois veículos que bloqueia o suscitar da compaixão e afastar-se dos ignorantes que não cultivam as sementes benéficas. É em função deste princípio que deve praticar os dois portais do Shamatha e do Vipashyana. Suas características comuns se fortalecem mutuamente sem se separarem. Caso não realize o Shamatha e o Vipashyana ele não será capaz de adentrar o portal do Despertar.

Ou ainda em seguida, o dharma inicial a ser aprendido pelos seres sensíveis busca corrigir a mente fraca e vacilante através da Fé correta. É



permanecendo neste mundo Saha que ele não poderá cultivar aos Buddhas caso esteja possuído pelo temor.

Caso venha a temer que esta mente da Fé seja difícil de ser realizada e deseje retroceder, deve ele saber que o Tathagatha possui excelentes meios hábeis capazes de proteger a esta mente da Fé. Direcionando sua atenção para as causas e condições da lembrança do Buddha, realiza o “Ir-Nascer” naquela Terra búdica em concordância com o Voto. Através da visão constante do Buddha afasta-se eternamente dos caminhos do mal. Conforme é ensinado nos Sutras, se alguém direcionar sua mente para o mundo da Suprema Alegria do Buddha Amitabha no Ocidente, realiza ele o Voto do “Ir-Nascer” naquele mundo através da transferência das raízes benéficas. Como contempla constantemente ao Buddha, não existe retrocesso até o final. Caso ele contemple o verdadeiro corpo do dharma daquele Buddha, realizará o supremo ir-nascer em decorrência de seu cultivo. Já foi assim discutida a seção concernente ao cultivo da mente da Fé.

Explanamos em seguida a seção concernente ao encorajamento do cultivo e dos benefícios.

Já explanei desta forma o relicário secreto dos Buddhas e do Mahayana. Caso um ser sensível aspire realizar a Fé correta em função da esfera profunda do Tathagatha afastando-se das violações e adentrando o caminho do Mahayana, deve manter este Tratado em mente, refletir sobre ele e cultivá-lo até a realização do caminho supremo. Caso um praticante ouça a este dharma sem suscitar a fraqueza e a vacilação, devemos saber que ele está estabelecido nas sementes búdicas. Em função da previsão dos Buddhas, ele será certamente capaz de praticar as dez ações benéficas em prol dos seres sensíveis durante um longo e pleno período de tempo. Não será ele como uma pessoa que só reflete corretamente sobre este dharma durante o breve intervalo de uma refeição. As virtudes assim consumadas não admitem comparação. Ou ainda, caso um praticante acolha a contemplação e o cultivo presentes neste Tratado, seus méritos de tornarão imensuráveis, sem fronteiras e inexpressáveis no intervalo

entre um dia e uma noite. Será ele conduzido pelos Buddhas das dez direções durante Asamkheya kalpas imensuráveis e sem fronteiras, sendo que essas virtudes não poderão ser esgotadas. As virtudes deste praticante também não poderão ser esgotadas. Por que razão? Porque as virtudes da natureza do dharma não podem ser esgotadas. As virtudes deste praticante também não admitem fronteiras. Se um ser sensível caluniar este Tratado e nele não depositar Fé, estará sujeito a um grande sofrimento em virtude da retribuição kármica durante imensuráveis kalpas. Assim sendo, os seres sensíveis devem colocar sua Fé (neste Tratado) sem nunca caluniá-lo. Caso não o faça, ele poderá prejudicar a si e prejudicar aos outros, cortando todas as sementes das três Joias. Como todos os Tathagathas realizaram o Nirvana através deste dharma, como todos os Bodhisatvas adentraram a sabedoria búdica através de sua prática, devemos saber que os Bodhisatvas do passado realizaram a pura Fé em função deste dharma, que os Bodhisatvas realizam presentemente a pura Fé através deste dharma e que os Bodhisatvas do futuro realizarão a pura Fé em função deste dharma. Em função disto, os seres sensíveis devem esforçar-se em seu cultivo e em seu estudo.

Explanei agora de forma abrangente através de seções o profundo e amplo sentido de todos os Buddhas,

Dedico assim estas virtudes equivalentes à natureza do dharma para o benefício universal do mundo dos seres sensíveis.